

O HOMEM QUE DECIFROU O MERCADO

COMO
JIM SIMONS
CRIOU A
REVOLUÇÃO
QUANT

**Gregory
Zuckerman**


ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2020

SUMÁRIO

Agradecimentos = xiii

Introdução = xvii

Prólogo = 1

PARTE UM

O Dinheiro Não é Tudo = 7

Capítulo Um = 9

Capítulo Dois = 23

Capítulo Três = 41

Capítulo Quatro = 65

Capítulo Cinco = 85

Capítulo Seis = 101

Capítulo Sete = 115

Capítulo oito = 129

Capítulo Nove = 151

Capítulo Dez = 171

Capítulo Onze = 185

PARTE DOIS

O Dinheiro Muda Tudo = 207

Capítulo Doze = 209

Capítulo Treze = 231

Capítulo Catorze = 251

Capítulo Quinze = 271

Capítulo Dezesesseis = 289

Epílogo = 305

Apêndices = 309

Notas 313

Índice 323

PARTE UM



O Dinheiro Não é Tudo

AMOSTRA

CAPÍTULO UM

Jimmy Simons pegou uma vassoura e dirigiu-se para o andar de cima.

Era o inverno de 1952, e o garoto de 14 anos estava tentando ganhar um trocado na loja de artigos para jardinagem Breck's, perto de sua casa em Newton, Massachusetts, no arborizado subúrbio de Boston. Não estava indo muito bem. Trabalhando no estoque no andar de baixo, o jovem se viu tão perdido que colocou no lugar errado o esterco de ovelha, as sementes e quase tudo mais.

Frustrados, os proprietários do estabelecimento disseram para Jimmy varrer os pisos de madeira dos estreitos corredores da loja, tarefa sem sentido e repetitiva. Para Jimmy, o rebaixamento parecia um golpe de sorte. Finalmente, estava sozinho para pensar sobre o que mais importava na sua vida. Matemática. Garotas. O futuro.

Eles estão me pagando para pensar!

Semanas depois, após concluir o trabalho durante a época de Natal, o casal dono da loja perguntou a Jimmy sobre seus planos para o futuro.

“Quero estudar matemática no MIT.”

Caíram na gargalhada. Um jovem tão distraído que não conseguia nem organizar os produtos básicos de jardinagem tinha a esperança de ter um diploma em matemática e, ainda, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts?

“Eles acharam a coisa mais engraçada que já tinham ouvido na vida”, Simons relembra.

O ceticismo não incomodou Jimmy, nem mesmo os risos. O adolescente estava repleto de uma confiança sobrenatural e uma determinação incomum para alcançar algo especial, resultado de pais que o apoiavam e que tiveram grandes esperanças e profundos arrependimentos na própria vida.

Marcia e Matthew Simons deram as boas-vindas a James Harris à família na primavera de 1938. Ela e Matty dedicaram tempo e energia a seu filho, que continuou a ser filho único após Marcia sofrer uma sequência de abortos espontâneos. Com intelecto afiado, uma personalidade extrovertida e sofisticada astúcia, Marcia era voluntária na escola de Jimmy, mas nunca teve a oportunidade de trabalhar fora de casa. Canalizou seus sonhos e paixões em Jimmy, o incentivando no mundo acadêmico e garantindo a ele que o sucesso estava por vir.

“Ela era ambiciosa por mim”, Simons relembra. “Ela me via como seu projeto.”

Matty Simons tinha uma perspectiva diferente tanto na vida quanto na paternidade. Desde os 6 anos, Matty, um de 10 filhos, batalhou para ganhar dinheiro para ajudar a família, vendendo jornais nas ruas e carregando malas de viajantes em uma estação de trem vizinha. Quando alcançou a idade para o ensino médio, Matty começou a trabalhar em tempo integral. Tentou estudar no período noturno, mas logo desistiu, estava cansado demais para se concentrar.

Como pai, Matty era gentil, de voz branda e fácil de lidar. Ele gostava de chegar em casa e contar altas histórias para Marcia, sobre os iminentes planos de Cuba de construir uma ponte até a Flórida, por exemplo, enquanto Jimmy se esforçava para disfarçar com um sorriso. Marcia podia ser a cabeça da família, mas ela era extremamente fácil de enganar. Matty inventava histórias cada vez mais absurdas até que ela finalmente percebesse as lorotas, um tipo de jogo da família que garantia muitas gargalhadas de Jimmy.

“Ela não entendia sempre”, Simons dizia, “mas eu entendia”.

Matty trabalhava como gerente de vendas na 20th Century Fox, passando pelos cinemas da Nova Inglaterra para lançar os últimos filmes do estúdio. Shirley Temple, a maior estrela da época, tinha um contrato com a Fox, então Matty misturava os filmes dela com outros quatro ou cinco filmes e convencia os cinemas a pagarem pelo pacote. Matty gostava de seu trabalho e foi promovido a gerente de vendas, trazendo esperanças de que poderia subir na escada corporativa. Os planos de Matty mudaram quando seu sogro, Peter Kantor, pediu que ele trabalhasse em sua fábrica de sapatos. Peter prometeu que ele

seria dono de parte da empresa, e Matty se viu na obrigação de entrar para o negócio da família.

A fábrica de Peter, que produzia sapatos femininos de luxo, era um sucesso, mas o dinheiro se foi tão rápido quanto apareceu. Um homem grande e exibido, adepto de roupas caríssimas, tinha sempre o modelo mais recente de Cadillac e usava sapatos com sola alta para compensar sua baixa estatura de 1,60m, Peter gastou grande parte de sua fortuna em corridas de cavalo e rodadas de amantes. Em dias de pagamento, Peter deixava Jimmy e seu primo Richard Lourie segurar pilhas de dinheiro “de nossa altura”, relembra Richard. “Nós dois adorávamos!”¹

Peter passava uma certa despreocupação e um amor pela vida, atitudes que Jimmy passou a adotar depois. Nativo da Rússia, Peter contava histórias perversas sobre o antigo país, a maioria falando de lobos, mulheres, caviar e muita vodca, e ensinou a seus netos algumas frases importantes em russo — “Quero um cigarro” e “Vá para o inferno”, fazendo os meninos caírem na gargalhada. Peter guardava seu dinheiro em um cofre, provavelmente para não ter de pagar impostos, mas sempre mantinha US\$1,5 mil no bolso da camisa. Ele foi encontrado com essa exata quantia de dinheiro no dia em que faleceu, cercado de cartões de Natal enviados por dezenas de amigas agradecidas.

Matty Simons passou anos como gerente geral da fábrica de sapatos, mas nunca recebeu sua parte da empresa que Peter prometeu. Tempos depois, Matty disse a seu filho que queria não ter abandonado uma carreira promissora e empolgante para fazer o que os outros queriam dele.

“A lição era: faça o que gosta na vida, não o que você acha que ‘deveria’ fazer”, afirma Simons. “Isso é uma coisa de que nunca me esquecerei.”

O que Jimmy mais gostava de fazer era pensar, geralmente em matemática. Ele se ocupava com números, formas e declives. Aos três anos, Jimmy multiplicava os números por dois e os dividia pela metade, descobrindo todas as potências de 2 até 1.024 antes de ficar entediado. Um dia, enquanto levava a família à praia, Matty parou para colocar gasolina, deixando o garoto perplexo. Da forma que Jimmy raciocinava, o automóvel da família não poderia ficar sem gasolina nunca. Após usar metade do tanque, haveria outra metade, assim eles poderiam usar metade daquilo, e assim por diante, sem nunca chegar ao tanque vazio.

O menino de quatro anos se deparava com um clássico problema de matemática envolvendo alto nível de lógica. Se uma pessoa sempre tem de viajar metade da distância restante antes de chegar ao destino e sendo que qualquer distância, não importa se for pequena, pode ser dividida na metade, então como uma pessoa pode conseguir chegar ao destino? O filósofo grego Zenão de Eleia foi o primeiro a resolver o dilema, o mais famoso de um grupo de paradoxos que desafiaram matemáticos por séculos.

Assim como muitas crianças sem irmãos, Jimmy ficava pensando durante longos períodos de tempo e até mesmo conversava com si próprio. No ensino infantil, ele costumava subir em uma árvore ali perto, sentava no galho e ficava pensando. Às vezes, Marcia tinha de ir lá e forçá-lo a descer do galho para brincar com as outras crianças.

Diferentemente de seus pais, Jimmy era determinado a se concentrar em suas paixões. Quando tinha 8 anos de idade, Dr. Kaplan, o médico da família de Simons, sugeriu que ele se tornasse médico, dizendo que era a profissão perfeita “para um brilhante menino judeu”.

Jimmy se irritou.

“Quero ser matemático ou cientista”, retrucou.

O médico tentou dissuadir o menino. “Veja bem, você não vai conseguir ganhar dinheiro com matemática.”

Jimmy disse que queria tentar. Ele não entendia bem o que os matemáticos faziam, mas sabia que envolvia números, o que era bom o bastante. Enfim, ele sabia muito bem que não queria ser médico.

Na escola, Jimmy era esperto e travesso, tinha a autoconfiança de sua mãe e o humor endiabrado de seu pai. Amava livros, sempre ia à biblioteca local para pegar quatro livros emprestados por semana, muitos deles bem acima de seu nível escolar. Os conceitos matemáticos eram o que mais o cativava. Na escola Lawrence, em Brookline, local onde os âncoras de TV Mike Wallace e Barbara Walters estudaram, Jimmy foi eleito presidente de sala e concluiu próximo do topo de sua turma, ficando atrás somente de uma jovem que não ficava perdida em seus pensamentos tanto quanto ele.

Nessa época, Jimmy tinha um amigo que era muito rico e ficou impressionado pelo estilo de vida confortável de que sua família desfrutava.

“É bom ser rico. Constatei isso”, disse Simons mais tarde. “Não tinha interesse nos negócios, mas isso não quer dizer que não tinha interesse no dinheiro.”²

As aventuras ocupavam grande parte do tempo de Jimmy. Às vezes, ele e um amigo, Jim Harpel, pegavam o bondinho para ir à sorveteria Bailey’s em Boston saborear uma casquinha. Quando ficaram mais velhos, a dupla entrava escondida nos espetáculos burlescos no Teatro Old Howard. Durante uma manhã de sábado, enquanto os meninos saíam pela porta, o pai de Harpel percebeu que eles estavam com binóculos pendurados no pescoço.

“Por acaso vocês estão indo ao Old Howard?”, perguntou ele.

Pegos no flagra.

“Como você sabia, senhor Harpel?”, perguntou Jimmy.

“Não têm muitos passarinhos para se observar aqui da janela”, ele respondeu.

Após o nono ano da escola, a família Simons se mudou de Brookline para Newton, onde Jimmy frequentou a escola Newton High School, uma escola pública de elite, bem equipada para nutrir suas paixões emergentes. Como aluno do segundo ano, Jimmy gostava de debater conceitos teóricos, como a noção de que superfícies bidimensionais poderiam se estender para sempre.

Após concluir o ensino médio em três anos,* Simons, magro, porém forte, embarcou em uma viagem de carro com Harpel atravessando o país. A todos os lugares que iam, os jovens de 17 anos, de classe média e, até então, protegidos da vida dura, conversavam com o povo local. Quando atravessavam o Mississippi, viram afro-americanos trabalhando na roça e vivendo em galinheiros.

“A era da Reconstrução dos Estados Unidos os tornou agricultores inquietos, mas era a mesma coisa que a escravidão”, relembra Harpel. “Foi meio que um choque para nós.”

Enquanto acampavam em um parque estadual, foram a uma piscina, mas não viram nenhum afro-americano lá, o que os deixou surpresos. Simons perguntou a um funcionário do parque, grande e de meia-idade, por que nenhuma pessoa negra estava no local.

“Cri--s não são permitidos”, disse ele.

* N.T.: O tempo normal de conclusão do ensino médio norte-americano é de quatro anos.

Ao visitarem outras cidades, Simons e Harpel viram famílias vivendo em extrema pobreza, experiência que deixou uma marca nos garotos, tornando-os mais sensíveis às dificuldades dos desfavorecidos da sociedade.

Simons entrou para o MIT, como esperava, e até mesmo pôde pular o primeiro ano de matemática, graças aos cursos avançados que fez no ensino médio. Porém a faculdade trouxe desafios imediatos. Logo no início, Simons lidou com o estresse e dores abdominais agudas, chegando a perder 10kg e passar duas semanas no hospital. Os médicos acabaram diagnosticando colite e prescreveram esteroides para estabilizar sua saúde.

Superconfiante durante o segundo semestre do primeiro ano, Simons se matriculou em uma disciplina de álgebra abstrata. Foi um desastre total. Ele não conseguia acompanhar seus colegas de sala e não conseguia entender o porquê das tarefas e dos tópicos do curso.

Simons comprou um livro sobre a matéria e o levou para casa durante o verão, lendo e refletindo durante horas. Por fim, as coisas se encaixaram e ele passou a ir muito bem em todas as outras aulas de álgebra. Apesar de ter recebido uma nota baixa em uma disciplina de cálculo avançado no segundo ano, o professor permitiu que ele se matriculasse no próximo nível daquela disciplina, que tratava o teorema de Stokes, uma generalização do teorema fundamental do cálculo de Isaac Newton que relaciona integrais de linha com integrais de superfície em três dimensões. O jovem ficou fascinado; um teorema envolvendo cálculo, álgebra e geometria parecia gerar uma harmonia simples e inesperada. Simons foi tão bem nessa matéria que os alunos pediam ajuda a ele.

“Eu desabrochei”, conta Simons. “Era um sentimento de glória.”

A forma pela qual esses teoremas e fórmulas poderosas podiam trazer verdades e unir áreas distintas na matemática e na geometria prendia a atenção de Simons.

“Era a elegância de tudo, os conceitos eram lindos”, diz ele.

Quando estudou com alunos como Barry Mazur, que se formou em dois anos e mais tarde ganhou as melhores premiações de matemática e lecionou na Universidade de Harvard, Simons concluiu que ainda não estava bem no nível deles. Mas estava perto. E percebeu que possuía uma abordagem única, matutando os problemas até que chegasse a soluções originais. Os amigos às vezes o viam deitado, com os olhos fechados, por horas. Ele era um pensador

com imaginação e “bom gosto”, ou com o instinto de confrontar os tipos de problema que podem levar a verdadeiros avanços.

“Percebi que poderia não ser espetacular ou o melhor, mas eu poderia fazer algo bom. Eu tinha essa autoconfiança”, conta.

Um dia, Simons viu dois de seus professores, os renomados matemáticos Warren Ambrose e Isadore Singer, em uma discussão profunda após a meia-noite em um café local. Decidiu então que queria aquele tipo de vida: cigarros, café e matemática a qualquer hora do dia.

“Era como se fosse uma epifania... um raio de luz”, afirma.

Longe da matemática, Simons fez tudo o que pôde para evitar cursos que exigissem demais dele. Os alunos do MIT precisavam se matricular em uma disciplina de educação física, mas ele não queria perder tempo tomando banho e trocando de roupa, por isso se matriculou em arco e flecha. Ele e outro aluno, Jimmy Mayer, que veio da Colômbia para o MIT, decidiram tornar a aula um pouco mais interessante, apostando cinco centavos de dólar por cada tentativa. Eles se tornaram amigos rapidamente, paquerando garotas e jogando pôquer com os outros colegas noite adentro.

“Se você perdesse cinco dólares, era praticamente um suicídio”, relembra Mayer.

Simons era engraçado, simpático, falava o que pensava e sempre aprontava. Como calouro, ele gostava de encher revólveres de água com fluido de isqueiros e, colocando fogo, criava um lança-chamas caseiro. Uma vez, após ter feito uma fogueira no banheiro em Baker House, dormitório próximo ao rio Charles, ele jogou uma garrafa de fluido de isqueiro dentro do vaso sanitário, deu descarga e fechou a porta atrás dele. Olhando para trás, Simons viu um brilho laranja em volta do batente da porta — o banheiro todo estava em chamas.

“Não entre aí!”, gritou para os colegas de sala que se aproximavam.

Dentro do vaso, o fluido se aqueceu e incendiou formando uma bola de fogo. Felizmente, o dormitório havia sido construído com tijolo à vista vermelho escuro e o fogo não se alastrou. Simons confessou seu crime e pagou um total de cinquenta dólares para a escola em parcelas semanais, durante dez semanas, para fazerem os reparos necessários.

Em 1958, após três anos de MIT, Simons tinha créditos suficientes para se formar aos 20 anos, recebendo um diploma de bacharel de Ciências em Mate-

mática. Antes de entrar na pós-graduação, ele ansiava por uma nova aventura. Simons contou a um amigo, Joe Rosenshein, que queria fazer algo que “entraria para o livro dos recordes” e “ficaria para a história”.

Simons considerou que uma longa viagem feita sobre patins poderia atrair a atenção, mas parecia muito cansativa. Outra possibilidade era convidar jornalistas para acompanhá-lo com seus amigos para uma viagem de esqui-aquático na América do Sul, mas a logística parecia assustadora. Passando uma tarde em Harvard Square com Rosenshein, Simons viu uma motocicleta Vespa passando.

“Será que a gente não poderia usar uma dessas?”, perguntou Simons.

Ele criou um plano para fazer uma viagem “que fosse digna de virar notícia”, convencendo duas concessionárias locais a darem descontos a ele e seus amigos se comprassem uma Lambretta para cada um, a melhor marca da época, em troca do direito de filmar a viagem. Simons, Rosenshein e Mayer foram para a América do Sul, viagem a qual apelidaram de “Buenos Aires ou Fracasso”. Os jovens dirigiram-se para o Oeste, passando por Illinois, antes de descer para o México. Viajaram pelas estradas do país e dormiram em varandas, estações policiais abandonadas e nas florestas, onde penduraram redes com telas contra pernilongos. Uma família da Cidade do México alertou os garotos sobre bandidos e insistiram em que comprassem uma arma para se protegerem, ensinando a eles a dizer uma frase crucial em espanhol: “Não se mexa ou mato você.”

Pilotando as Vespas com escapamento furado em uma pequena cidade ao sul do México, lá pela hora do jantar, usando jaqueta de couro e parecendo uma gangue de motociclistas do clássico filme de Marlon Brando *O Selvagem*, os garotos pararam para procurar um lugar para comer. Quando os locais viram os visitantes perturbando seu tradicional passeio noturno, ficaram furiosos.

“Gringos, o que vocês estão fazendo aqui?”, alguém perguntou.

Dentro de minutos, cinquenta jovens agressivos, alguns segurando facões, cercaram Simons e seus amigos, colocando-os contra a parede. Rosenshein tentou pegar a arma, mas se lembrou de que tinha somente seis balas, nem perto de dar conta daquela multidão que não parava de aumentar. De repente, surgiram policiais, abrindo passagem em meio à turba para prender os alunos do MIT por perturbação do sossego.

Os garotos foram para a prisão. Logo, foram cercados por uma multidão, que gritava e assobiava para eles, causando tanta comoção que o prefeito enviou alguém para investigar. Quando o prefeito ouviu que três universitários de

Boston estavam causando problemas, trouxe-os imediatamente a seu escritório. Acontece que o prefeito tinha se formado em Harvard e estava louco para saber as últimas de Cambridge. Momentos depois de se defenderem de um bando raivoso, os garotos se sentaram com oficiais locais para um jantar luxuoso e tardio. Mesmo assim, Simons e seus amigos fizeram de tudo para sair daquela cidade antes do amanhecer, para evitar qualquer outro tipo de problema.

Rosenshein estava farto de tudo aquilo e voltou para casa, mas Simons e Mayer continuaram, indo até Bogotá em sete semanas, atravessando o México, a Guatemala e a Costa Rica, passando por deslizamentos e rios violentos pelo caminho. Chegaram sem praticamente nenhuma comida e nenhum tostão, animados por ficar na luxuosa casa de um colega de sala, Edmundo Esquenazi, natural da cidade. Os amigos e a família apareceram para conhecer os visitantes, e eles passaram o resto do verão jogando croqué e relaxando com os anfitriões.

Quando Simons voltou ao MIT para começar sua pós-graduação, seu orientador sugeriu que terminasse o doutorado na Universidade da Califórnia, Berkeley, para que pudesse trabalhar com um professor chamado Shiing-Shen Chern, antigo prodígio da matemática vindo da China e geômetra e topologista com um grande diferencial. Mas Simons tinha alguns negócios em aberto para cuidar. Ele tinha começado a namorar uma bela e pequena garota de 18 anos e de cabelos escuros, chamada Barbara Bluestein, que estava no primeiro ano da faculdade vizinha, Wellesley. Após quatro noites consecutivas de longas conversas, ficaram apaixonados e noivaram.

“Conversamos, conversamos e conversamos”, relembra Barbara. “Ele estava indo para Berkeley e eu queria ir junto com ele.”

Os pais dela ficaram furiosos com o relacionamento relâmpago. Barbara era muito jovem para se casar, insistia sua mãe, que também se preocupava com um possível desequilíbrio de poderes entre a filha e seu noivo tão seguro de si.

“Em alguns anos, ele vai limpar o chão com você”, ela alertava Barbara.

Determinada a se casar com Simons, mesmo sem a aprovação de seus pais, Barbara negociou o compromisso: ela iria com ele para Berkeley, mas esperariam que ela estivesse no segundo ano da faculdade para se casarem.

Simons recebeu uma bolsa para estudar em Berkeley. Ao chegar no campus no final do verão norte-americano de 1959, logo teve uma surpresa infeliz: ninguém sabia onde Chern estava. O professor havia tirado um ano sabático. Simons começou a trabalhar com outros matemáticos, incluindo Bertram Kos-

tant, mas se deparou com certas frustrações. Uma noite, no início de outubro, Simons foi à pensão de Barbara e contou a ela que sua pesquisa não ia bem. Ela achava que ele estava deprimido.

“Vamos nos casar”, ela se lembra de ter dito a ele.

Simons topou. Decidiram ir a Reno, Nevada, onde não teriam de esperar dias para fazer exame de sangue, conforme exigido na Califórnia. O jovem casal não tinha praticamente nenhum tostão, então o colega de quarto de Simons emprestou a ele o suficiente para comprar duas passagens de ônibus para a viagem de mais de 300km. Em Reno, Barbara convenceu o gerente do banco local a descontar um cheque de outro estado para que pudessem pagar pela certidão de casamento. Após uma breve cerimônia, Simons usou o restante do dinheiro para jogar pôquer, ganhando o suficiente para comprar um maiô preto para sua agora esposa.

De volta a Berkeley, o casal esperava manter o casamento em segredo, pelo menos até decidirem como contar a novidade para as famílias. Quando o pai de Barbara escreveu uma carta dizendo que estava planejando uma visita, eles perceberam que teriam de abrir o jogo. Simons e sua esposa escreveram para seus respectivos pais, preenchendo diversas páginas com notícias corriqueiras sobre a faculdade e as aulas, antes de colocar uma mensagem idêntica ao final:

“Aliás, nós nos casamos.”

Após os pais de Barbara se acalmarem, seu pai arranhou um rabi local para que os dois tivessem uma cerimônia mais tradicional. Os recém-casados alugaram um apartamento em Parker Street, próximo ao campus rodeado de atividade política, e Simons avançou com uma dissertação de doutorado focada na geometria diferencial — o estudo dos espaços curvos e multidimensionais usando métodos de cálculo, topologia e álgebra linear. Ele também começou a passar seu tempo em uma nova paixão: operar na bolsa. O casal recebeu US\$5 mil como presente de casamento, e Simons estava ansioso para multiplicar aquele dinheiro. Pesquisou um pouco e foi até uma empresa de corretagem da Merrill Lynch perto de São Francisco, onde comprou ações da United Fruit Company, que vendia frutas tropicais, e da Celanese Corporation, uma empresa de produtos químicos.

Os preços das ações não saíam do lugar, o que frustrava Simons.

“Isso é meio entediante”, disse ele ao corretor. “Você tem algo mais empolgante?”

“Você deveria dar uma olhada na soja então”, respondeu.

Simons não sabia nada de commodities ou como operar futuros (contratos financeiros que prometem a entrega de commodities ou outros investimentos a um preço fixo em uma data futura), mas se tornou um estudante ávido. Na época, a soja custava US\$2,50 por bushel [27,2kg]. Quando o corretor disse que os analistas da Merrill Lynch esperavam que os preços chegassem a três dólares ou mais, os olhos de Simons saltaram. Ele comprou dois contratos de futuros, viu a soja subir e ganhou diversos milhares de dólares em questão de dias.

Simons ficou obcecado.

“Fiquei fascinado com aquilo e com a possibilidade de poder ganhar dinheiro em curto prazo”, diz ele.

Um amigo mais antigo aconselhou-o a vender seus títulos e embolsar os lucros, alertando que o preço das commodities é volátil. Simons não seguiu o conselho. Como era de se esperar, os preços da soja despencaram, e a sua aposta mal saiu elas por elas. Essa montanha-russa costuma desencorajar investidores novatos, mas, para Simons, aquilo serviu só para abrir seu apetite. Ele começou a acordar cedo para ir de carro até São Francisco, para que pudesse estar nos escritórios da Merrill Lynch às 7h30, a tempo da abertura do pregão de Chicago. Durante horas, ficava em pé observando os preços aparecerem no grande painel, fazendo operações e, ao mesmo tempo, tentando acompanhar aquela movimentação. Mesmo após voltar para casa para retomar os estudos, Simons ficava de olho nos mercados.

“Era meio que uma adrenalina”, recorda ele.

Mas passou do ponto. Ir a São Francisco no raiar do dia sem a mínima vontade enquanto tentava concluir uma desafiadora tese virou um grande fardo. Quando Barbara ficou grávida, Simons tinha muitas responsabilidades em mãos. Meio que relutante, parou de operar na bolsa, mas uma sementinha havia sido plantada.

Para sua tese de doutorado, Simons queria desenvolver uma comprovação para um problema difícil e pendente da área, mas Kostant duvidava de que ele conseguiria fazer isso. Os matemáticos do mundo todo haviam tentado e não conseguiram, Kostant disse a ele. Não perca tempo. O ceticismo parecia somente atirá-lo. Sua tese resultante, “Sobre a Transitividade dos Sistemas Holonômicos”, concluída em 1962, após somente dois anos de trabalho, tratava da geometria dos espaços curvos multidimensionais. (Quando Simons conversa

com novatos, gosta de definir *holonomia* como “transporte paralelo de vetores tangentes em torno de curvas fechadas em espaços curvos multidimensionais”. Verdade.) Uma revista acadêmica conceituada aceitou publicar a tese, ajudando-o ganhar um cargo de prestígio para lecionar durante três anos no MIT.

Mesmo fazendo planos com Barbara de voltar para Cambridge com sua bebê, Elizabeth, Simons começou a questionar o futuro. As próximas décadas pareciam estar bem organizadas: pesquisar, lecionar, pesquisar mais e lecionar ainda mais. Simons amava matemática, mas também precisava de uma nova aventura. Parecia crescer mais ao superar dificuldades e desafiar o ceticismo, e não havia obstáculos para ele. Aos vinte e três anos apenas, Simons estava passando por uma crise existencial.

“Então é isso? É isso o que vou fazer da vida?”, perguntou a Barbara um dia em casa. “Deve haver algo mais.”

Após um ano no MIT, a inquietude de Simons trouxe seu melhor. Ele voltou a Bogotá para ver se conseguiria abrir um negócio com seus colegas de sala colombianos, Esquenazi e Mayer. Lembrando do piso de concreto de seu dormitório no MIT, Esquenazi reclamava da má qualidade dos materiais para piso de Bogotá. Simons disse que conhecia alguém que produzia pisos, então decidiram abrir uma fábrica local para produzir pisos de vinil e encanamentos de PVC. A maior parte do financiamento veio do sogro de Esquenazi, Victor Shao, mas Simons e seu pai também entraram em parte do negócio.

O negócio parecia estar em boas mãos, e Simons não sentia que tinha muito a contribuir, portanto, voltou ao mundo acadêmico, aceitando um cargo de pesquisa na Universidade de Harvard em 1963. Lá, lecionou duas disciplinas, incluindo um curso avançado de pós-graduação sobre equações diferenciais parciais, uma área dentro da geometria que ele já sabia que seria importante. Simons não sabia muito sobre equações diferenciais parciais (EDPs), mas imaginou que lecionar aquela disciplina seria uma boa forma de aprender. Disse a seus alunos que estava aprendendo sobre o assunto apenas uma semana antes deles, uma confissão que eles acharam fascinante.

Simons era um professor famoso com um estilo informal e entusiasta. Contava piadas e raramente usava paletó ou gravata, como os outros professores faziam. No entanto, seu exterior jovial mascarava imensas pressões. Sua pesquisa estava indo devagar, e ele não simpatizava com a comunidade de Harvard. Ele pegou dinheiro emprestado para investir na fábrica de pisos que Esquenazi

e os outros estavam construindo, e convenceu seus pais a hipotecarem a casa para que tivessem sua própria participação no negócio. Para aumentar a renda, Simons começou a lecionar outras duas disciplinas na faculdade vizinha Cambridge Junior College, trabalho que o estressava, embora não contasse a seus amigos e família.

Ele estava batalhando por dinheiro, mas não era simplesmente para pagar suas dívidas. Ele estava faminto por dinheiro de verdade. Simons gostava de comprar coisas bacanas, mas não era extravagante. Também não era pressionado por Barbara, que, às vezes, ainda usava roupas de sua adolescência. Havia outras motivações que o moviam. Seus amigos e outros suspeitavam de que ele queria causar algum tipo de impacto no mundo. Simons via como a riqueza pode trazer independência e influência.

“Jim entendia, ainda muito jovem, que dinheiro é poder”, afirma Barbara. “Ele não queria que as pessoas tivessem poder sobre ele.”

Enquanto estava sentado na biblioteca de Harvard, suas dúvidas de início de carreira ressurgiram. Ficava imaginando se algum outro tipo de trabalho poderia trazer mais realização e empolgação, e talvez dinheiro também, pelo menos o suficiente para quitar suas dívidas.

As pressões crescentes acabaram o atingindo. E ele decidiu parar um pouco.